

PRIMEIROS ECOS DE F. DE SAUSSURE NA GRAMATICOGRAFIA
DE LÍNGUA PORTUGUESA¹

THE FIRST ECHOES OF F. DE SAUSSURE IN THE PORTUGUESE
LANGUAGE GRAMATICOGRAPHY

Evanildo Bechara

Academia Brasileira de Letras

Liceu Literário Português

ebechara@academia.org.br

RESUMO:

O presente estudo pretende mostrar que a produção linguística e gramatical do M. Said Ali sobre língua portuguesa talvez assinala a primeira obra no mundo da gramaticografia a se beneficiar das dicotomias saussurianas de *langue* e *parole*, de sincronia e diacronia, entre outros ensinamentos do mestre genebrino.

PALAVRAS-CHAVE: *Langue, parole*, sincronia, diacronia, gramática descritiva, gramática escolar, psicologia da linguagem, M.Said Ali, Ferdinand de Saussure, alternância vocálica, metafonía.

ABSTRACT:

The present study aims to state that the linguistic and grammar production by M. Said Ali about the Portuguese language can be considered the first publish work, in the historiographic perspective, to use the saussurean dichotomies *langue* and *parole*, *synchrony* and *diachrony*, among other Saussure's teachings.

KEYWORDS: *Langue, parole*, diachrony, synchrony, descriptive grammar, grammar school, psychology of language, M. Said Ali, Ferdinand de Saussure, vowel alternation, methaphony.

1 Comunicação apresentada ao IV Congresso Internacional de Língua Galego-Portuguesa. Em homenagem a Ferdinand de Saussure. Vigo 28 de outubro – 1 de novembro 1993, e aqui reproduzida com pequenas variantes.

É hoje indiscutível a presença de ideias de F. de Saussure no panorama da linguística, e não está longe da verdade a afirmação de E. Benveniste (1966:33) de que não há em nossos dias linguista que não lhe deva alguma coisa, nem teoria geral que não mencione o seu nome.

Embora os modelos teóricos de descrição linguística não tenham o compromisso imediato de aplinar dificuldades no ensino da língua materna ou de estrangeiras, vale a pena, neste momento em que se realiza um congresso em cujos temas está a obra do genial genebrino, rastrear a presença dos ensinamentos de Saussure na elaboração de gramáticas escolares. Neste sentido, conheço dois bons estudiosos que, mesmo antes de serem retomados definitivamente alguns conceitos do *Cours de linguistique générale*, em obras técnicas, orientaram o modelo de sua descrição em livro didático por ensinamentos auridos em Saussure. Cronologicamente, o primeiro deles foi o linguista e filólogo brasileiro Manuel Said Ali (1861-1953); o segundo, o linguista suíço Albert Sechehaye (1870 – 1946). Deste último, lembro o *Abrégé de grammaire française*² em que, ao estabelecer um “Tableau systématique des conjugaisons”, declara, no Avertissement, reportando-se à 2.^a ed. do *Cours*, de 1923:

En faisant ce travail nous n'avons voulu tenir compte que des rapports morphologiques actuels et faire, non pas de l'histoire ou de l'étymologie, mais de la grammaire strictement “synchronique” selon le mot et la doctrine de F. de Saussure (ABREGÉ, pág.79)

Said Ali já denuncia o aproveitamento mais cedo e mais profundo da leitura de *Cours*. Publicada a obra de Saussure em 1916, já em 1919, na 2.^a ed. das *Dificuldades da língua portuguesa*, a ela se referia nesses termos:

Levei sempre em conta, nas diversas questões de que me ocupei, o elemento psicológico como fator importantíssimo das alterações de linguagem e, inquirindo a persistência ou instabilidade dos fatos linguísticos, tomei para campo de pesquisas não somente o português do período literário que se estende de João de Barros a Manuel Bernardes, mas ainda o falar hodierno e, por outra parte, o menos estudado falar medieval. Pude assim colher resultados que dão regular ideia da evolução do idioma português desde a sua existência até o presente, de onde se vê a razão de certas dicções duplas, coexistentes ora, e ora sucessivas, fontes muitas vezes de renhidas e fúteis controvérsias.

2 Publicado em Zürich, 1926.

Nesses fatos encontraria F. de Saussure, creio eu, matéria bastante com que reforçar as suas luminosas apreciações sobre linguística sincrônica e linguística diacrônica (pág. XVII da 5.^a edição, 1957).

Das distinções primárias estabelecidas por Saussure (sincronia e diacronia; língua e fala), a primeira parece que foi a inicial nas preocupações do mestre e a que oferecia maior possibilidade de operacionalização imediata em livro destinado a descrever o idioma com objetivos pedagógicos, já que, por meio dela, se fugia à metodologia praticada na época, de considerar a língua cavalgando em dois domínios, o dos estados e o das sucessões. Colocando-se o investigador dentro da perspectiva diacrônica, como bem procedera Saussure, “ce n’est plus la langue qu’il aperçoit, mais une série d’événements qui la modifient” (1916, pág. 129).

Parece que o livro da série que mais problemas de caráter metodológico apresentou a Said Ali foi o destinado a estudar historicamente o português. Fazia parte do currículo escolar do secundário, um curso de “Gramática histórica”, e o nosso autor, diante das considerações expostas no *Cours*, teria de seguir rota diferente, visto que, para Saussure – que tomava o termo gramática numa acepção muito precisa, de descrição de um “estado de língua”, e, portanto, sincronicamente – não havia “gramática histórica”, e sim linguística diacrônica.

Partindo dessa lição, Said Ali deu ao seu livro o nome de *Gramática do português histórico* (e não *Gramática histórica do português*), em que descreve os fatos, levando em conta os diversos estados de língua, desde o início da documentação histórica até os nossos dias. O que pretendeu o autor foi mostrar as mudanças linguísticas ocorridas nas diversas fases por que passou o português. Para tanto, não ficou na divisão clássica proposta por José Leite de Vasconcelos, segundo a qual duas são as fases históricas do português: a *arcaica* (das origens aos princípios do século XVI) e a *moderna* (daí aos nossos dias). Said Ali, para poder com mais exatidão comparar os estados de língua, distinguiu, no português *moderno*, as subfases do *português quinhentista*, *português seiscentista* e *português setecentista*, e acrescentou a fase “*hodierna*”, com as características criadas ou fixadas a partir do século XIX (algumas remontam ao século XVIII). Para o tratamento de um fato linguístico sob o enfoque da sucessão na obra de Said Ali serve de exemplo o comentário relativo ao emprego do artigo definido junto ao pronome possessivo adjunto:

O possessivo adjunto ocorre em português, anteposto a um nome, ora sob a forma simples e originária (*meu, teu, seu*, etc.), ora reforçado

com o artigo (o *meu*, o *teu*, o *seu*, etc.). Não podemos precisar a época do aparecimento desta segunda forma. Existia provavelmente muito antes dos primeiros documentos escritos. Certo é que o seu emprego era relativamente restrito e só de Camões para cá se torna, de século para século, cada vez mais notória a frequência de possessivo reforçado. Fernão Lopes poucas vezes se socorria desta forma; em seus escritos ela figura ao lado dos exemplos de possessivo destituído de artigo, em proporção muito pequena: 5%, aproximadamente. Já nos *Lusíadas* sobe a porcentagem a 30%, na linguagem de Vieira a mais de 70% e finalmente na de Herculano a mais de 90% (vol. 12, págs. 97-98).

A consequência da oposição sincronia x diacronia não ficou restrita à fuga original da denominação “gramática histórica”, mas foi mais adiante. Se a sincronia é a descrição de um sistema linguístico num dado momento ou fora do tempo, e a diacronia o estudo do desenvolvimento desse sistema através do tempo, de geração a geração, está-se fazendo diacronia tanto ao se compararem dois sistemas durante um grande espaço de tempo (por ex., o sistema latino e o sistema português), dentro do modelo canônico das gramáticas históricas, quanto dois sistemas delimitados por um espaço de tempo mais curto (por ex.; o português antigo e o português moderno, ou o português moderno e o português hodierno). O estudo de linguística diacrônica é tão válido quando levado a cabo, segundo a primeira hipótese, quanto pela segunda hipótese. Said Ali optou por esta segunda maneira de encarar o estudo diacrônico e, pela primeira vez em língua portuguesa, elaborou uma “gramática histórica” sem partir diretamente do latim, preocupado que estava com o plano das sucessões dentro do próprio português. Neste ponto ousou não crer certa a opinião de Mattoso Câmara Jr., quando, considerando esta obra de Said Ali dentro da “descrição sincrônica da língua, nos moldes propugnados por Saussure”, assim se expressa (2004, pág.187):

E em verdade se pode dizer que o seu campo de interesse foi a descrição sincrônica da língua, nos moldes propugnados por Saussure. Assim, a sua *Gramática histórica* (...) não é o que por esse nome entendiam os seus contemporâneos, os mestres neogramáticos alemães, e o que se entende ainda hoje: um estudo da cadeia de mudanças, a partir do latim vulgar, dos sons vocais, das formas gramaticais e das construções sintáticas. É no fundo uma gramática expositiva, complementada por um cotejo com as antigas fases da língua. Aí se acham apresentadas mais minuciosas as ideias gramaticais que nos oferece

nessa admirável síntese didática que é a “*Gramática secundária da língua portuguesa*”.

Sou de opinião, aliás, em companhia do próprio Said Ali, que seu livro é uma gramática histórica, é um estudo de linguística diacrônica dentro do que entendia Saussure por diacronia, estudo da língua dentro da história, no plano das sucessões. Por outro lado, não vejo na *Gramática secundária* menos minuciosamente tratadas as mesmas ideias gramaticais da *Gramática histórica*; é, sim, uma exposição do estado de língua a que Said Ali chamou *português hodierno*. É verdade que aí cita autores clássicos representativos do estado de língua anterior ao qual chamou *português moderno*; os fatos gramaticais que documentam, porém, são todos vigentes na língua de seus contemporâneos. Aliás, como ensinava Saussure, “o rio da língua flui sem interrupção; que seu curso seja lento ou de torrente, é de importância secundária” (1916, pág.193).

Esta novidade, dentro do maior rigor científico, aparecida ao público especializado e aos alunos em 1921, não foi bem entendida, e serviu, entre outros pontos, de alvo de crítica de um membro da Academia Brasileira de Letras, integrante da comissão que concedeu, naquele ano, ao autor da *Lexeologia do português histórico*, o primeiro prêmio Francisco Alves, instituído para a melhor obra sobre a língua portuguesa. O argumento do crítico a respeito da novidade era esse: uma gramática histórica sem latim!

Apesar do peso da autoridade de que já gozava Said Ali no meio do magistério brasileiro e da concessão do prêmio pela Academia Brasileira de Letras, o autor teve de alterar o título, na 2.^a edição de sua obra, para *Gramática histórica da língua portuguesa*, a fim de atender às exigências dos programas oficiais de ensino. No Prólogo desta 2.^a edição, ainda procurava defender o ponto de vista anterior que dava à obra o seu tom de originalidade:

Constituíam os dous volumes uma gramática histórica que, sem desprezar a evolução do latim para o português, estudava *particularmente* (o grifo é meu) as alterações do idioma nas diversas fases do português histórico, isto é, no largo período decorrido desde o tempo que se conhece o português como língua formada e usada em documentos (pág. VI do 1.^o vol., 2.^a ed. 1931).

A mudança do título e a ressalva exarada na 2.^a ed. da obra de Said Ali não conseguiram que os contemporâneos a deixassem de ver como uma produção estranha, que fugia aos cânones tradicionais das gramáticas históricas escritas

para o português, ou para outras línguas. Como resultado dessa impressão, vale lembrar que o livro, em vida do autor, não passou dessa 2ª edição, saída à luz quase dez anos depois da 1ª, o que significa, em se tratando de livro didático, um desastre editorial. Só mais tarde, a partir da década de 50, sendo mais conhecidas e discutidas as ideias de Saussure, é que a obra conhece maior número de edições, e é posta em evidência toda a novidade que ela inaugurara na década de 20.

Entre outras presenças de Saussure na obra de Said Ali, lembro aqui a relação íntima entre a psicologia de homem pensante e as alterações por que passa a linguagem. Confronte-se o comentário do mestre suíço: «Au fond, tout est psychologique dans la langue, y compris ses manifestations matérielles et mécaniques, comme les changements de sons» (1916, pág 21)

Com este de Said Ali:

É a psicologia elemento essencial e indispensável à investigação de pontos obscuros. As mesmas leis fonéticas seriam inexistentes sem os processos da memória e da analogia. Até o esquecimento, a memória negativa, é fator, e dos mais importantes, na evolução e progresso de qualquer idioma (1937, pág.III).

Embora a natureza prática e pedagógica do livro de Said Ali não enfrentasse a oposição *língua e fala*, não passou despercebida a lição saussuriana de que é na fala “que se trouve le germe de tous les changements: chacun d’eux est lancé d’abord par un certain nombre d’individus avant d’entrer dans l’usage (...) Mais toutes les innovations de la parole n’ont pas le même succès, et tant qu’elles demeurent individuelles, il n’y a pas à en tenir compte, puisque nous étudions la langue; elles ne rentrent dans notre champ d’observation qu’au moment où la collectivité les a accueillies”(1916, pág.138).

Eis como Said Ali se expressa a respeito:

Surge a inovação, formulada acaso por um ou poucos indivíduos; se tem a dita de agradar, não tarda a generalizar-se o seu uso no falar do povo. A gente culta e de fina casta repele-a, a princípio, mas com o tempo sucumbe ao contágio. Imita o vulgo, se não escrevendo com meditação, em todo o caso no trato familiar e falando espontaneamente. Decorrem muitos anos, até que por fim a linguagem literária, não vendo razão para enjeitar o que todo o mundo diz, se decide também a aceitar a mudança (1937, pág. IV).

Além da *Gramática do português histórico*, Said Ali escreveu, para a série didática, uma *Gramática secundária*, essa recebida com mais entusiasmo pelo círculo dos professores, e que chegou a ter algumas edições em vida do autor.

Como disse Saussure, a gramática “étudie la langue en tant que système de moyens d’expression; qui dit grammatical dit synchronique et significatif” (*Cours*, 185). Said Ali conseguiu, talvez pela primeira vez em língua portuguesa, elaborar uma gramática quase exclusivamente dentro de um enfoque sincrônico, e este mérito não passou despercebido a um linguista do nível de Mattoso Câmara Jr., que acerca desse livro afirmou tratar-se, como já vimos, de uma “admirável síntese didática” (2004, pág.187), ou noutro ensaio sobre João Ribeiro:

É, não obstante, inconcusso que no campo estrito da gramática também fez muito o nosso João Ribeiro, embora sem aquela sistematização nítida e formulação estruturada que fazem da *Gramática secundária*, de Said Ali, o livro até hoje insuperado em seu gênero para a língua portuguesa (2004, pág.175).

Também, relativamente à nomenclatura, se podem rastrear algumas influências, ainda que leves, da leitura de *Cours*; assim é que Said Ali não agasalhou o termo *morfologia*, preferindo trabalhar com a denominação *Lexeologia*. É bem verdade que nessa opção o autor brasileiro passou ao largo das razões apontadas por Saussure para desprezar morfologia, que, para este, “linguisticamente, não tem objeto real e autônomo, não podendo constituir-se numa disciplina distinta da sintaxe” (*Cours*, pág.186).

Mais profundas devem ter sido as razões colhidas em Saussure (*Cours*, págs.215 e ss.) sobre o conceito e a aplicação de alternância para que Said Ali pudesse fazer a seguinte opção terminológica: “Em pontos de nomenclatura evitei em geral o recurso de inovações desnecessárias. Preferi a denominação mais vaga de *alternância vocálica* a *metafonia* e a *apofonia* por me parecer que estes termos, segundo os encontro definidos, não exprimem com rigor a natureza da alteração fonética” (1937, I², pág. III-IV)

Nas pegadas de Saussure, compreendeu Said Ali que os fenômenos rotulados por *metafonia* e *apofonia* encobriam oposições de funções gramaticais de pessoa, gênero, número, tempo, etc., e que as alterações fonéticas não eram “ni la cause unique ni la cause principale de l’alternance” (*Cours*, pág. 206). Tais alternâncias resultavam antes do que hoje chamamos *morfemas suprasegmentais*.

Pelo que vimos até aqui, podemos concluir que a gramaticografia de língua portuguesa, com o apoio na obra de Said Ali, tenha sido das primeiras, se não a primeira, a beneficiar-se das importantes reflexões teóricas de F. de Saussure e de suas consequências no estudo e descrição das línguas.

*Comunicação apresentada ao IV Congresso Internacional de Língua Galego-Portuguesa. Em homenagem a Ferdinand de Saussure. Vigo 28 de outubro – 1 de novembro 1993, e aqui reproduzida com pequenas variantes.

² Zürich, 1926.

Referências bibliográficas

ALI, M. Said - Dificuldades da língua portuguesa. 8ª edição. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.

_____. Gramática histórica da língua portuguesa. 2ª edição. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1937.

_____. Gramática secundária da língua portuguesa. 4ª edição. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, s/d.

BENVENISTE, Émile. Problèmes de linguistique générale. Paris Éditions Gallimard, 1966.

CÂMARA. JR., Joaquim Mattoso. Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.. Nova edição revista ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. Cours de linguistique générale. Paris: Payot, 1916.

SECHEHAYE, Albert. Abrégé de grammaire française Zürich: Sekundarlehrerkonferenz des Kantons Zürich, 1926.

Nota do editor: texto de articulista convidado.